



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SUAS HISTÓRIAS DE VIDA E A IMPORTÂNCIA DE CONHECÊ-LAS.

Idalina Maria Sampaio da Silva Feitosa Dias

Mestra em Ensino e Formação Docente (Ppgef – Unilab-Ifce)

E-mail:

idalinamariasampaio@gmail.com

Ana Paula Henrique Pinho

Mestranda em Ensino e Formação Docente (Ppgef – Unilab-Ifce)

E-mail:

aphpinho@gmail.com

Elisangela André da Silva Costa

Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

E-mail:

elisangelaandre@unilab.edu.br

Resumo

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente - Ppgef, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - Ppgef - Unilab - Ifce. Tem como objetivo refletir sobre o perfil dos sujeitos que frequentam as turmas da Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para a organização do trabalho pedagógico nesta modalidade de ensino. Configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, inspirado na pesquisa-ação-formação. Foi utilizada como estratégia de aproximação com a realidade a análise de narrativas produzidas por educadoras que atuam na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Martiniano de Alencar, localizada no município de Barbalha - Ceará – Brasil. O presente trabalho usou como aporte teórico os estudos desenvolvidos por Arroyo (2007), dentre outros que versam sobre a EJA. Os resultados apontam para a escuta sensível e para o trabalho com as histórias de vida como estratégias fundamentais utilizadas pelos educadores para melhor perceberem o perfil dos educandos, construir seus saberes docentes e reorientarem suas ações em sala de aula. Essa postura permitiu uma maior aproximação entre professores e estudantes, fator considerado fundamental para a materialização do processo de ensino e aprendizagem pautado na dialogicidade e na empatia, possibilitando aos docentes um novo olhar para com os seus educandos.

Palavras-chave: Educandos. Docentes. Sujeitos. Perfil. EJA.

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino apresenta características muito próprias, que vão desde sua metodologia, concepção pedagógica, matriz curricular e, em especial, os sujeitos ativos presentes no processo de ensino e aprendizagem.

Pensar nesses sujeitos exige, de forma primária, o entendimento do contexto de vida



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

em que se inserem, os seus anseios e, sobretudo, suas bagagens. Essas referências são elementos indissociáveis na compreensão da educação como uma prática social e politicamente situada. Nela, educador e educandos são reconhecidos como sujeitos históricos, portadores e produtores de cultura e conhecimentos que são fundamentais à construção dessa modalidade de ensino.

Desse modo, é fundamental reconhecer que inúmeras são as histórias presentes na trajetória dos sujeitos e que elas muitas vezes constituem uma gama diversa de motivos para a exclusão dos mesmos no universo educativo, ampliando a dificuldade na conclusão das etapas de escolarização desse público.

O presente artigo surge a partir dos estudos e saberes constituídos através de uma pesquisa de mestrado profissional do Programa Associado de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF – UNILAB-IFCE), que versa sobre o universo da Educação de Jovens e Adultos. Mais especificamente, ele abordará um recorte que trata dos educandos que frequentam as turmas e salas de aula de Educação de Jovens e Adultos.

Assentado na abordagem qualitativa, com inspiração na pesquisa-ação-formação, o estudo foi desenvolvido junto a educadores que atuam em salas de EJA na Escola Senador Martiniano de Alencar, localizada no município de Barbalha - Ceará - Brasil. Tem como objetivo refletir sobre o perfil dos sujeitos que frequentam as turmas da Educação de Jovens e Adultos e suas implicações para a organização do trabalho pedagógico nessa modalidade de ensino. Para tanto, foram utilizadas como estratégias de aproximação com a realidade a produção e a análise de narrativas, usando como aportes teóricos os estudos desenvolvidos por Arroyo (2007), dentre outros.

Ao discorrer sobre os sujeitos da EJA é dada a possibilidade de destaque àqueles que por muitas vezes foram colocados à margem da sociedade em várias situações e tiveram seu direito à educação cerceado pelas condições adversas que a vida cotidiana comumente impõe.

Caminhos metodológicos

A pesquisa se apresenta com uma abordagem qualitativa, assim como assinalam Gatti e André (2011, p. 30), pois no decorrer da mesma, “[...] é dada especial atenção ao mundo do sujeito e aos significados por ele atribuídos às suas experiências cotidianas, às interações sociais que possibilitam compreender e interpretar a realidade”. Dessa forma, é possível afirmar que este estudo se adequou ao que foi traçado desde o seu primeiro plano de trabalho, pois ele se preocupa em trazer consigo os valores socioculturais e as subjetividades das pessoas envolvidas no processo como um todo.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

O presente trabalho investigativo contou com a participação de seis professoras efetivas da rede pública municipal da cidade de Barbalha-CE, atuantes na Educação de Jovens e Adultos, com ricas experiências e vivências de sala de aula a serem destacadas durante o processo da pesquisa e que enriqueceram todo o estudo.

O estudo em questão foi colocado em prática a partir de uma pesquisa-ação-formação pois pressupõe “[...] a integração dialética entre o sujeito e sua existência; entre fatos e valores; entre pensamento e ação; e entre pesquisador e pesquisado.” (FRANCO, 2005, p. 488). Assim, a pesquisa-ação-formação desenvolve suas ações investigativas de forma interativa entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, levando a um movimento formativo-reflexivo e transformador das ações a serem desenvolvidas.

Para identificar as concepções que orientam a referida pesquisa, recorreremos mais uma vez a Franco (2005, p. 489):

- a ação conjunta entre pesquisador-pesquisados;
- a realização da pesquisa em ambientes onde acontecem as próprias práticas;
- a organização de condições de autoformação e emancipação aos sujeitos da ação;
- a criação de compromissos com a formação e o desenvolvimento de procedimentos crítico-reflexivos sobre a realidade;
- o desenvolvimento de uma dinâmica coletiva que permita o estabelecimento de referências contínuas e evolutivas com o coletivo, no sentido de apreensão dos significados construídos e em construção;
- reflexões que atuem na perspectiva de superação das condições de opressão, alienação e de massacre da rotina;
- ressignificações coletivas das compreensões do grupo, articuladas com as condições sócio-históricas *[sic]*;
- o desenvolvimento cultural dos sujeitos da ação.

As ações aqui elencadas, baseadas na autora acima citada, apresentam possibilidades de transitarmos pela investigação de modo a permitir um contato leve e real com os sujeitos partícipes do estudo, a fim de conferir a devida importância aos mesmos, trazendo-os ao centro do processo investigativo e conduzindo-os a um movimento de autoanálise e transformação dos fatos e realidades vivenciadas.

Fundamentação teórica: um olhar sobre os sujeitos da EJA

Para iniciarmos qualquer discussão relacionada à EJA, é fundamental tomarmos como ponto de partida o entendimento desta como um direito público e subjetivo, proclamado na Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988). De acordo com o Art. 205: “A



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

É necessário chamarmos atenção para a importância dessa base legal para a Educação de Jovens e Adultos, que se constitui como uma vitória democrática dos movimentos sociais no Brasil, um país historicamente marcado por processos de exclusão social e educacional da população economicamente desfavorecida.

Diante disso, analisamos o que discute Arroyo (2007):

A EJA sempre veio para recolher aqueles que não conseguiram fazer o seu percurso nessa lógica seletiva e rígida do sistema escolar. Cada jovem e adulto que chegam à EJA são náufragos ou vítimas do caráter público do nosso sistema escolar. [...] Os jovens e adultos da EJA são uma denúncia clara da distância intransponível entre as formas da vida a que é condicionada a infância, a adolescência e a juventude populares e a teimosa rigidez e seletividade de nosso sistema escolar. Olhar-se no espelho das trajetórias dos jovens e adultos que voltam à EJA talvez seria uma forma do sistema escolar reconhecer essa distância intransponível. (ARROYO, 2007, p. 48).

A esse respeito, a LDB N. 9394/96, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, expressa em seu artigo 37 quem seriam os sujeitos - educandos da EJA: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento de para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.”

Embora tenhamos a definição legal dessa modalidade de ensino para os sujeitos a que se destina, coincidentemente percebemos que a sua oferta está constantemente destinada à marginalidade do processo educacional, com salas de aula muitas vezes estéreis, com práticas pedagógicas tradicionais, alunos e professores desmotivados e turmas apartadas da rotina desenvolvida na escola nas demais turmas regulares. Todos esses fatores dizem muito do tratamento social comumente oferecido a esses sujeitos.

Segundo Di Pierro (2005, p. 1120):

[...] a educação capaz de responder a esse desafio não é aquela voltada para as carências e o passado [...], mas aquela que, reconhecendo nos jovens e adultos sujeitos plenos de direito e de cultura, perguntando quais são suas necessidades de aprendizagem no presente, para que possam transformá-lo coletivamente.

Ao pensar na EJA, devemos considerar a diversidade dos sujeitos atendidos por essa



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

modalidade de ensino, a existência de uma infraestrutura adequada para o público ao qual se destina, bem como a existência de propostas curriculares que supram as suas necessidades e desafios de aprendizagem, seus desejos e interesses. No ambiente escolar para o processo de ensino aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, deve ser levada em consideração a bagagem de conhecimentos e saberes dos educandos, adquiridos por estes, mesmo que de modo informal, através de suas trajetórias, experiências e vivências de mundo. Essa bagagem deve ser considerada como conhecimentos prévios dos quais é possível realizar a conexão entre esses saberes e os conhecimentos convencionais tratados na sala de aula conforme a organização do sistema de ensino, buscando ir além dos conteúdos dos materiais didáticos, adentrando nas expectativas e necessidades dos educandos para a vida real.

Além do mais, é necessário, na prática pedagógica, construir oportunidades para que os educandos da EJA possam transpor as barreiras e os estigmas criados em outras experiências escolares anteriormente por eles vivenciadas, com as marcas do ensino tradicional que rotula e exclui na sua grande maioria. É importante para tal que o professor das turmas de EJA compreenda que é preciso uma inovação na forma de ensinar, desenvolvendo metodologias ativas, trazendo o educando para o centro do processo, com a escuta empática do estudante sobre seus conhecimentos práticos, assim como nos mostra Barcelos (2010, p. 86):

No trabalho com jovens e adultos a escuta de suas histórias de vida são um excelente ponto de partida para nos aproximarmos de seus imaginários e representações de mundo. Imaginários estes que têm muito a dizer sobre as possibilidades de permanecer ou abandonar a escola.

Dessa maneira, podemos afirmar que é fundamental trabalhar com os educandos da EJA de forma dialogada e aproximada, dando foco e fala às suas lutas e conquistas. Para complementar esse nosso pensamento a respeito da diversidade dos sujeitos da EJA, é preciso adentrarmos no conhecimento sobre o perfil do educando da Educação de Jovens e Adultos, e para isso trazemos aqui as Diretrizes Curriculares da EJA, que nos aponta:

Compreender o perfil do educando da EJA requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento Lutas e Conquistas da EJA afastou-se da escola devido a fatores sociais econômicos políticos e ou culturais (Brasil, 2000, p.33).

Tal compreensão confirma a relevância do presente trabalho, na medida que tenta enxergar quem são os sujeitos que frequentam as salas de aula da Educação de Jovens e Adultos; quais suas histórias e trajetórias de vida; o que os levou a participarem desta modalidade de



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

ensino e o que os fazem estarem presentes nas turmas de EJA; quais suas expectativas por estarem ali, dando vez e voz às suas perspectivas de presente e seus anseios de futuro.

Resultados e discussão: o encontro de reflexão sobre as práticas

Durante o processo investigativo, as docentes participantes do estudo foram convidadas a refletir e construir o perfil dos estudantes com os quais atuam diariamente nas aulas noturnas das turmas de Educação de Jovens e Adultos.

As professoras foram levadas a profundas reflexões, assim como momentos dialógicos, que auxiliaram num movimento de percepção de quem são os estudantes com os quais atuavam, assim como foram levadas a exercitar sua empatia pelos mesmos, de modo que se colocavam no lugar deles, passando a enxergarem com outros olhos os desafios vivenciados diariamente por seus alunos para estarem nas salas de aula todas as noites, possibilitando assim, entre as docentes, a construção de novos saberes sobre os sujeitos da EJA. Tudo isso levou as professoras a um processo de resignificação, construção e reconstrução de suas ações em sala de aula junto a seus educandos, assim como, para com sua própria identidade docente.

O que ficou mais marcante neste trabalho foi a possibilidade real de as docentes entenderem a importância de se aproximarem e conhecerem seus alunos de forma mais aprofundada, dando voz aos mesmos, para que assim pudessem expressar suas vivências, dificuldades, desafios e conquistas, possibilitando a estes se tornarem sujeitos ativos dos saberes constituídos na sala de aula e fora dela.

A ideia de dar voz aos educandos da EJA nos leva a pensar tal qual Rummert (2005, p.126), quando afirma que: “Os jovens e adultos trabalhadores trazem, para o interior do espaço escolar, uma multiplicidade e uma riqueza de saberes que quase nunca ousam externar por considerá-los inadequados, sem valor, ou mesmo equivocados.” O cenário apontado é comum e reforça o prejuízo vivenciado pelos sujeitos da EJA, marcados pela privação de seus direitos em diferentes momentos históricos de sua vida, confirmando assim a ampliação das desigualdades sociais.

Nesse sentido, o interesse demonstrado pelas professoras em se aproximar de seus alunos e entendê-los melhor, para além da relevância pedagógica, reveste-se de grande importância social, uma vez que materializa conduta integrativa para com os educandos, contribuindo para que desenvolvam um senso de pertencimento à coletividade e, conseqüentemente, tornem-se engajados no exercício da cidadania, na condição de protagonistas de suas próprias trajetórias.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Por isso, num intento de transpor a invisibilização dos indivíduos que frequentam as turmas de EJA, destacamos um importante alerta trazido por Freire (1996), ao afirmar que:

Não devemos jamais subestimar ou negar os saberes de experiências feitos, com que os educandos chegam à escola ou aos centros de educação informal [...] Subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sócio cultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca da presença de uma ideologia elitista [...] (FREIRE, 1996, p. 85)

É preciso, portanto, pensar na diversidade desses sujeitos, com seus saberes construídos através de suas vivências, sonhos, frustrações, perspectivas, desejos e ensinamentos a serem transmitidos dentro das quatro paredes da sala de aula ou fora delas, oriundos de sua trajetória histórica e social.

Para isso, toda a atuação e ação docente em sala de aula deve conduzir o educando a um processo de formação que ocorra de maneira reflexiva, crítica e emancipatória, assim como nos aponta Arroyo (2007, p. 24):

A visão reducionista com que, por décadas, foram olhados os alunos da EJA – trajetórias escolares truncadas, incompletas – precisará ser superada diante do protagonismo social e cultural desses tempos de vida. As políticas de educação terão de se aproximar do novo equacionamento que se pretende para as políticas da juventude. A finalidade não poderá suprir carências de escolarização, mas garantir direitos específicos de um tempo de vida. Garantir direitos dos sujeitos que os vivenciam.

Deve ser dado ao sujeito da Educação de Jovens e Adultos a oportunidade de crescimento humano, visando à atuação destes na sociedade de forma crítica e reflexiva nos movimentos e acontecimentos histórico-sociais que desencadeiam as transformações positivas e negativas do cotidiano.

Através deste estudo foi possível elencar pontos primordiais para a Educação de Jovens e Adultos, que dentre eles podem ser destacados:

- A necessidade e a importância de uma maior aproximação do educador com o educando, a ponto de serem conhecidas as histórias e trajetórias de vida de ambos os sujeitos;
- Dar o devido respeito às vivências e experiências acumuladas com o correr do tempo, pelos sujeitos da EJA;
- Fortalecer do sentimento de empatia por parte dos docentes para com os educandos da EJA;
- Reconhecer os educandos da EJA como sujeitos em construção, mas que podem



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

transformar sua realidade e a do meio em que encontram-se inseridos;

- Valorização da oralidade, através dos relatos de vida dos sujeitos da EJA, como protagonistas de suas realidades resignificadas;

Agindo assim, o ser educador passa a ter a sensibilidade no seu falar e fazer docente junto aos educandos da EJA, assim como nos aponta Giovanetti e Gomes (2018):

Ao reeducarmos o nosso olhar docente, à luz do legado da educação popular, poderemos superar a negatividade ainda tão presente em nossas abordagens sobre os alunos da EJA, ainda referidos por meio de uma visão marcada pela “carência”, o que acaba por reafirmar uma postura preconceituosa e estigmatizada. (GIOVANETTI; GOMES, 2018, p. 247).

A tomada de consciência do ser docente como indivíduo em construção junto aos educandos com quem atua é um passo muito importante para a ressignificação dos saberes, de ambos os sujeitos, num processo de efetiva atuação emancipatória na e para a sociedade.

Aprofundando as reflexões

Para aprofundar a temática junto às professoras participantes da pesquisa, foi lançada a seguinte indagação: “O que vemos quando olhamos para os nossos alunos da EJA?”

Diante dessa indagação, as professoras deram destaque ao potencial presente em cada um e o desejo de continuarem aprendendo e transformando suas vidas.

Segundo suas narrativas:

Me vejo um pouco neles. Primeiro, pela interrupção. Segundo, pelo sim dado para toda oportunidade de aprender mais. Acima de tudo, meus companheiros do Brasil que querem melhorar de alguma forma o viver. (Professora Beleza).

Vemos a possibilidade de refazer uma trajetória de vida, através de práticas educativas emancipatórias. (Professora Esperança).

Eu vejo como uma oportunidade de resgatar sonhos a partir da educação que possibilita torná-los reais. (Professora Luta).

Eu os vejo como pessoas cheias de esperança pra recuperar o tempo perdido por vários motivos e que entendem que não podem ficar pra trás, e muitos só entendem o que é aprender quando estão em sala vivenciando aquele momento de aprendizagem. (Professora Perseverança).

Além da possibilidade de acesso à cultura letrada, seja do início ou para seguimento da sua escolarização, vejo também a esperança de melhorias de vida. (Professora Garra).



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Acolhemos os nossos alunos na EJA reconhecendo como pessoas que buscam uma melhoria educacional, seja para crescimento profissional, por crescimento pessoal. Enxergamos os nossos alunos como vencedores. (Professora Força)

A esperança é mencionada por Freire (1987, p. 56), como condição necessária ao exercício de estar no mundo e com o mundo, num movimento que se articula à luta e ao diálogo como encontro entre os homens que se voltam à perspectiva do Ser Mais e à transformação da realidade opressora em uma realidade democrática na qual todos são, efetivamente, sujeitos de direitos. Mesmo com o olhar direcionado para o devir e para o futuro, as professoras não devem desconsiderar o ontem e o hoje, de onde emergem os conhecimentos, vivências, limites e possibilidades dos educandos, tendo em vista que é através da busca pela superação das condições de opressão e desigualdades que as educadoras devem planejar e executar a sua profissão.

Seguimos indagando: “Como as visões por elas apresentadas afetavam suas práticas educativas?”

De acordo com as professoras:

Sem essas visões nós já teríamos saído. Não estaríamos na EJA. Essas visões nos fazem planejar algo que faça o aluno pensar: amanhã preciso voltar. (Professora Beleza)

São visões que despertam a consciência ética, democrática, em prol de uma escola libertadora. (Professora Esperança)

Afeta as nossas expectativas e desejos de uma educação libertadora, democrática e acessível a todos. (Professora Luta)

Essas práticas só são afetadas se não tivermos um bom desempenho em sala, compromisso, responsabilidade e amor ao que faz. Antigamente até embaixo de uma árvore se dava aula e o aluno aprendia, se soubermos usar a metodologia correta na hora certa conseguiremos o nosso objetivo. (Professora Perseverança).

No meu ponto de vista, devemos proporcionar a abertura de portas, até então vista pelo sujeito aluno, como muito difícil de adentrar, como a aprendizagem culta do ler e escrever, reafirmar que são capazes, são importantes e têm vozes, que mesmo no papel de aluno pode também transmitir conhecimentos, conhecimentos estes adquiridos na vida, que na escola pode e deve haver trocas de aprendizagens entre todos que a compõem. (Professora Garra).

Trazemos sempre o melhor para os nossos alunos, mesmo com tantas dificuldades que enfrentamos junto a eles e além dos desafios diários de ter cada um presente o maior número de dias possíveis e que eles aprendam de forma prazerosa os conteúdos didáticos. (Professora Força)



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Por meio das respostas dadas pelas professoras é possível visualizar a responsabilidade e o compromisso destas com relação aos estudantes junto de quem atuam, visando colaborar, através dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, para a melhoria de vida deles.

Os conteúdos trabalhados nas turmas de EJA devem necessariamente se articular à consciência viva das necessidades e das realidades que os educandos enfrentam para estarem na sala de aula todas as noites. Os educadores devem dar o devido valor à força de vontade de seus estudantes no processo de ensino e aprendizagem, facilitando, ao mesmo tempo, o acesso a conhecimentos que colaboram com o entendimento da desigualdade como uma construção social que pode ser superada a partir de processos educativos diversos dentro e fora da escola, mobilizando diferentes atores sociais. (Costa, 2014).

Sendo assim, é possível afirmarmos que tudo isso que foi percebido pelas professoras participantes até este momento do encontro é o grande diferencial, a força motriz que as permite transitar, de maneira responsável e eticamente comprometida com a Educação de Jovens e Adultos.

Considerações finais

As discussões advindas deste artigo são frutos de reflexões sobre uma modalidade de ensino repleta de sujeitos que inúmeras vezes tiveram seus direitos negligenciados no decorrer de suas vidas. A pesquisa ainda traz especificamente a tentativa de vislumbrar quem são os sujeitos que frequentam as turmas de Educação de Jovens e Adultos, a partir das narrativas das docentes partícipes do presente trabalho.

Ao realizarmos o movimento de conhecimento e reconhecimento desses sujeitos da EJA, damos vez e voz aos mesmos, com todas as suas histórias, lutas, conquistas; com seus desafios, enfrentamentos e sonhos; assim como, com suas percepções de passado, presente e expectativas de futuro.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos não são seres neutros e vazios. Eles adentram as salas de aula com grandes expectativas e com bagagens a serem preenchidas com os conteúdos e saberes que serão adquiridos no convívio diário no âmbito escolar. Anseiam por novas e grandiosas descobertas, antes negadas, e chegam também repletos de saberes de experiências vivenciadas nas suas trajetórias histórica e social, os quais precisam ser rememorados, oralizados e valorizados no ambiente escolar, para que assim possa realmente ter significado o processo de ensinar e o de aprender.



III Congresso Internacional de Ensino e Formação Docente

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens-adultos: Um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES Leôncio; GIOVANETTI, Amélia; GOMES, Nilma. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 19-53.

BARCELOS, Valdo. **Educação de Jovens e Adultos: Currículo e Práticas Pedagógicas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n. 9394. Diário Oficial da União, Brasília, dez. 1996. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 11, de 10 de maio de 2000a**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasil, Brasília, DF.

COSTA, Elisângela André da Silva. **A educação de jovens e adultos e o direito à educação: concepções e olhares de educadores e gestores escolares a partir das políticas educacionais do município de Horizonte/Ceará**. 2014. 203f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014.

DI PIERRO, Maria Clara. **Notas sobre a Redefinição da Identidade das Políticas Públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial-Out. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e Prática**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 29-38.

GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RUMMERT, Sônia Maria. **Jovens e adultos trabalhadores e a escola: a riqueza de uma relação a construir**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.